



VII Simpósio Nacional de História Cultural

**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**ENTRE O “ASILO DOS DEUSES INVÁLIDOS” E AS CIDADES
MORTAS: OS TEMPOS DA NAÇÃO NOS ESCRITOS DE MONTEIRO
LOBATO (1914-1927)**

Daniel Alencar de Carvalho*

Ciência “dos homens, no tempo”. Com estas poucas palavras, Marc Bloch define o campo de investigação dos historiadores, que, semelhante ao ogro da lenda, retomando uma metáfora do autor, “onde fareja carne humana, sabe que ali está sua caça”¹. Decerto, ainda com o historiador francês, poucas áreas do conhecimento abstraem do tempo, mas poucos profissionais assumem esta dimensão existencial de forma tão visceral quanto os historiadores: “A atmosfera em que seu pensamento respira naturalmente é a categoria da duração”². Embora algumas considerações do manual de Bloch possam ser questionadas, tendo em vista o meio século decorrido de sua produção e o caráter inconcluso da obra, a centralidade do tempo na produção do conhecimento histórico é incontestável.

Estas questões podem ser ampliadas de diferentes maneiras. Neste artigo, mais próximo ao ensaio, por pretender levantar questões sem respostas prontas ou definitivas, me interessa a experiência do tempo de sujeitos historicamente situados. Michel de Certeau, em *Histoire et psychanalyse entre science et fiction*, constatava que “sem dúvida

* Graduado em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestrando em História Social pela mesma instituição. E-mail: alencar_daniel8@hotmail.com.

¹ BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. pp.54-55.

² Ibidem. p.55.

a objetivação do passado, nos últimos três séculos, fizera do tempo o elemento impensado de uma disciplina que não deixa de utilizá-lo como um instrumento taxinômico”³. Nesta perspectiva, entendo que investigações sobre a experiência do tempo, compreendendo as formas de apreensão e as relações estabelecidas entre passado, presente e futuro, bem como a constituição dessas dimensões temporais, são essenciais para o entendimento das ações concretas de indivíduos e grupos sociais. Espaços de experiência e horizonte de expectativas⁴ comuns constroem solidariedades, esperanças e temores, assim como diferentes interpretações do pretérito e do porvir podem produzir tensões sociais que transbordam nas dimensões culturais, políticas e econômicas – constituindo-as e sendo por elas constituídas.

Nestas poucas páginas esboçarei algumas reflexões sobre os tempos da nação nos escritos de Monteiro Lobato produzidos entre 1914-1927. Em 1914, primeiro marco da pesquisa, o escritor publica os artigos “Velha praga” e “Urupês” na seção “Queixas e Reclamações” do jornal *O Estado de S. Paulo*, ganhando certa notoriedade nas rodas intelectuais da Paulicéia. Nestes textos, cria uma caricatura que logo vira símbolo nacional (chegando a ser citada por Rui Barbosa em campanha presidencial): Jeca Tatu. Impenetrável ao progresso, representava o atraso, as relações de produção arcaicas, a ignorância, o paternalismo das oligarquias e os descompassos temporais existentes no país – espécie de anacronismo. Por outro lado, tudo que era “novo” nas metrópoles do país (leia-se: São Paulo e Rio de Janeiro) antecipava o “amanhã” para o “pai do Jeca” – o espiritismo, a religião do amanhã; o cinema, a arte do amanhã; o avião, o transporte do amanhã etc. Em artigo publicado na imprensa carioca em 1926 afirmava a inutilidade dos deuses antigos no século XX, aposentando-lhes no “Asilo dos Deuses Inválidos”. A pilhéria não é fortuita: o desenvolvimento tecnológico transformara os homens em novas entidades capazes de controlar as forças da natureza – os navios, aviões e automóveis eram uma prova incontestada. O Brasil se faria no futuro, sobretudo. Assim, termos temporais são utilizados para compreender, explicar e julgar desigualdades sociais,

³ CERTEAU, Michel de. *Histoire et psychanalyse entre Science et fiction*. Paris: Gallimard, 1987. p. 89 apud HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p.19.

⁴ Sobre as categorias de “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”, ver: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2006. pp.305-327.

culturais e econômicas. A simultaneidade de tempos históricos era entendida como descompassos temporais, prenúncios do porvir ou permanências do passado.

Como hipótese de trabalho, acredito que o suposto descompasso entre as populações interioranas e a aceleração temporal nas metrópoles do país é sentido como uma tensão entre um “espaço de experiência”, identificado com as áreas rurais, cidades mortas que vivem do/no pretérito, abandonas pelo poder público e idealizadas por literatos avessos a observação *in loco*, e um “horizonte de expectativa”, um Brasil onde as populações campestres pudessem ser incorporadas ao progresso. É através da reflexão desses múltiplos tempos históricos (e as diferenças socioeconômicas decorrentes) que Monteiro Lobato irá elaborar projetos para a nação, no intuito de formar a comunidade imaginada “Brasil”.

SÃO PAULO: TECNOLOGIAS, PROGNÓSTICOS E O “ASILO DOS DEUSES INVÁLIDOS”

Em artigo publicado na *Folha da Manhã* em 25-1-1939, E. Simões de Paula, então professor da Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, caracterizou os desenvolvimentos sociais, culturais e econômicos ocorridos na capital paulista a partir de 1872 como “a segunda fundação de São Paulo”⁵. Em sua análise, neste período, que corresponde com a expansão da lavoura cafeeira para Oeste, a entrada maciça de imigrantes – e o conseqüente incremento do trabalho livre -, a ampliação das vias férreas e desmesurado crescimento populacional, a cidade perde seus ares coloniais, deixando de ser um pequeno conglomerado urbano para se tornar uma grande metrópole.

Nicolau Sevckenko, em outro momento e partindo de outra perspectiva, chega a conclusões semelhantes: a expansão das lavouras cafeeiras, iniciada em meados do século XIX, metamorfoseou a vila colonial construída no alto da Serra do Mar na maior metrópole do país, numa rapidez que estonteou sua população. Segundo o historiador

“Os engenheiros, financistas e negociantes estrangeiros, basicamente ingleses, que de comum acordo com os fazendeiros paulistas projetaram a infraestrutura ferroviária indispensável para a exportação maciça da nova mercadoria [café], compreenderam as vantagens operacionais de fazer toda a produção convergir para um centro articulador – técnico,

⁵ DE PAULA, E. Simões. *A segunda fundação de São Paulo* (Da pequena cidade à grande metrópole). Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/36096>. Acessado em 24/11/2014.

financeiro e mercantil -, a cidade de São Paulo, e um único porto exportador, Santos. Desse modo, cerca de 70% do volume do mercado mundial de café seria manipulável de uma única posição, possibilitando manobras especulativas fabulosas.”⁶

O novo polo econômico do país atraiu multidões ávidas de enriquecimento ou melhores possibilidades de emprego, nacionais ou imigrantes, aumentando drasticamente o contingente populacional da capital - em 1870, por exemplo, eram contabilizados 30 mil habitantes, subindo para 239 mil em 1900, alcançando 587 mil em 1920⁷. Neste ano, São Paulo ultrapassou o Rio de Janeiro em produção industrial, resultado da diversificação dos investimentos das classes dominantes, indivíduos que, além de latifundiários, “eram também banqueiros, comissários, donos de ferrovias e indústrias, vinculados, sobretudo, à atividade mercantil”⁸. Acompanhando as mudanças econômicas e o rearranjo de forças em âmbito nacional, a paisagem urbana foi transformada num caleidoscópio de estilos arquitetônicos, capazes exprimir o cosmopolitismo das elites, as fronteiras culturais fluidas, a robustez dos paulistanos e os progressos tecnológicos e morais experimentados vibrantemente. Outrossim, os maquinismos modernos, sobretudo aqueles importados do mercado norte-americano, transformaram o cotidiano da Paulicéia, introduzindo novos comportamentos, posturas, reflexos, reflexões e relações sociais entre aqueles que presenciaram a “aclimação” de tecnologias como os automóveis, aviões, cinemas e complexos industriais. Para alguns espíritos, entre os quais Monteiro Lobato, estas eram indícios do amanhã ou, em outros termos, a entrada do Brasil, através de São Paulo, na modernidade.

Em artigo de 1926, os “leviatãs não previstos pela natureza” – as inovações tecnológicas – foram consideradas heróis de uma nova epopeia. Neste momento, as epopeias trágicas (qualificadas como “canções de ninar”, *berceuse*) mudam de tom, tornando-se “marcha mecânica”, produto da “inteligência do engenheiro que na paz do gabinete calculava com precisão a resistência dos materiais e o jogo das peças”⁹ na construção dos

⁶ SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. pp.107-108.

⁷ Ibidem. pp.108-109.

⁸ PERISSINOTTO, Renato M. Classes dominantes, Estado e os conflitos políticos na Primeira República em São Paulo: sugestões para pensar a década de 1920. In: DE LORENZO, Helena Carvalho; COSTA, Wilma Peres da (orgs.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. p.45-46.

⁹ LOBATO, Monteiro. Fala Jove. In: _____. *Na antevéspera*. São Paulo: Globo, 2008. p.63.

colossais couraçados, aeroplanos e veículos. O texto é composto de diálogos entre Netuno, Urano e Jove, divindades mitológicas romanas, ao presenciar sua inutilidade no mundo moderno, culminância do domínio humano sobre as potências naturais:

“Também Urano a princípio sorria, quando viu Gusmão lançar para os seus domínios a frágil passarola, vítima dum beiral de telhado. Sorriu ainda, desta feita amarelamente, quando Montgolfier ergueu bem alto suas esferas de ar aquecido.

- ‘Vence a altura’ – murmurou consigo o deus -, ‘mas obedece aos meus ventos. Voará como a palha, jamais como as aves’.

Mas, quando Urano viu Santos Dumont singrar o espaço num charuto, não paina que o vento leva, mas ave firme na diretriz escolhida, o sorriso gelou-se-lhe nos lábios; e pela espinha veneranda lhe ocorreu o arrepio de Napoleão em Waterloo, ao dar com Blücher no ponto em que devia aparecer Grouchy.

E o deus dos céus fez o testamento e as malas e se foi para o Asilo dos Deuses Inválidos, jogar o gamão da aposentadoria com Netuno, Jove e outros que já se achavam lá.”¹⁰

O destronar dos deuses “caídos em caquexia senil” era consequência dos progressos humanos na área dos transportes, desenvolvidos continuamente ao longo dos anos, gradual mas seguro. Distâncias outrora percorridas em meses eram vencidas em minutos, para desespero e enlevo das divindades que arregalavam os olhos e fremiam ao divisar aviões em pleno voo, num assomo de entusiasmo, “sentimento que pela vez primeira alcançava vibratibilizar o duro basalto que deve[m] ser” seus corações. Daí Jove concluir, engolindo seu orgulho: “Amigos, tratemos de nos naturalizar homens. É o meio único que nos resta de voltarmos a ser deuses...”¹¹. Sentidos imponentes eram atribuídos aos maquinismos contemporâneos.

O deslumbramento com aviões era notório. Neste mesmo ano apresenta um balanço da situação da aviação brasileira, ao lembrar as primeiras vitórias do paulista Eduardo Pacheco Chaves, “Edu Chaves”, em 1914. Ainda proprietário da fazenda São José do Buquira, um “vozear estranho chamou-me à janela do casarão da fazenda”, de onde presencia homens e mulheres boquiabertos contemplando o céu, “como quem olha cometa”. Olhou também e viu o hipogrifo de Ludovico Ariosto, “o impetuoso cavalo com cabeças e asas de águia que (...) permitiu a Orlando salvar Angélica das garras da orca”¹².

¹⁰ Ibidem. p.64.

¹¹ LOBATO, Monteiro. Fala Jove. In: _____. *Na antevéspera*. São Paulo: Globo, 2008. p.65.

¹² Ibidem, p.58.

Na verdade, era a primeira viagem sem escalas entre São Paulo-Rio de Janeiro, realizada pelo aviador:

“O espetáculo constituía novidade absoluta para os roceiros ingênuos. Aquele avejão, zumbidor qual besouro, desnorteava-lhes a imaginativa. Um mais fantasioso sugeriu logo:

- ‘Gavião-pato!...’.

- ‘Daquele tamanho?’ – contraveio outro, que, além de caçador de gaviões, criava patos.

O informante emendou:

- ‘Gavião-Rei, como há urubu-rei. Assim qualquer coisa como o Minhocão do Paraíba’.

Edu riscava o espaço tal qual o hipogrifo de Ariosto e breve escondeu-se atrás das montanhas, deixando os pobres matutos a olharem-se uns para os outros com as mais assombradas caras que ainda vi em minha vida.”¹³

Anos depois, nota quão distante estavam aqueles tempos, porque o “zumbido [do avião] já ergue para cima somente metade dos narizes que lhe passeiam sob o raio de ação, e um dia não erguerá nenhum”¹⁴. O hipogrifo estava vulgarizado e a permanência dos aviões anunciada. Em outro momento advogou que

“Precisamos educar nossa gente nesse sentido. Começar nas escolas a ensinar aos meninos que isto de voar não é novidade; que a guerra deu um tal empurrão no invento de Dumont que hoje já se contam por dezenas de milheiros as máquinas de voar em uso lá do outro lado do mundo onde há dinheiro e civilização; e que a boa política, quando um aviador passa sobre nossas cabeças, ou aterra, é segurarmos o abraço incômodo e engolirmos os vivas que incoercivelmente nos sobem das tripas à boca, pois isso é condição para que também aqui se aclime... a única invenção brasileira.”¹⁵

O entusiasmo popular impediria o estabelecimento de linha aérea regular no Brasil. Se uma multidão se aglomerasse nas estações da Central do Brasil, por exemplo, louvando os maquinistas e foguistas como os “Reis do Trilho” ou “Napoleões do Apito”¹⁶ em cada partida ou chegada, impossível funcionamento normal. Em outra ocasião,

¹³ LOBATO, Monteiro. O hipogrifo. In: _____. *Na antevéspera*. São Paulo: Globo, 2008. p.59.

¹⁴ Ibidem, p.59.

¹⁵ LOBATO, Monteiro. O perigo de voar. In: _____. *Na antevéspera*. São Paulo: Globo, 2008. pp.184-185.

¹⁶ Idem, p.184.

criticava as ideias “que é heroísmo voar” e “que voar é sport e é pergoroso”¹⁷. O brasileiro ignoraria os progressos da aviação, “unico meio de transporte que hoje não oferece perigo nenhum”, e as empolgantes estatísticas das linhas Junkers, que “realizam num anno (1925) viagens regulares que somam cinco milhões de quilômetros, (...) sem um só desastre, transportando 100.000 passageiros e 65 mil kilos de correspondencia”. O medo público sobrevém dos alardes da imprensa sobre as mortes de aviadores recordistas, voos arrojados, imprudentes e perigosos, diferente da aviação comercial, onde “toda a atenção é dada á segurança”. Todavia, as censuras cedem espaço ao horizonte de expectativa do autor: “Quando a nova fonte de força que se pronuncia na dissociação atomica da materia estiver conquistada (...) o piloto trará no bolso do collete o fragmento de materia que (...) lhe fornecerá a energia precisa para conduzir o seu aparelho de polo a polo”. Neste dia, todos possuirão avião “enrolado debaixo do braço”, igual guarda-chuva - inclusive o Jeca Tatu. Utopia? Não, responde no artigo. Era sonho exequível, como os trens, a pólvora e a pedra polida – inovações impossíveis em determinados momentos da humanidade. Os prognósticos guiavam sua argumentação e possibilitavam imaginar o prolongamento das tecnologias modernas, avaliando o presente pelo porvir.

Não seria fácil romper o encantamento. Em janeiro de 1921, por exemplo, o “raid” Rio-Buenos Aires realizado por Edu Chaves, o primeiro entre cidades sul-americanas, transformou-se em comoção nacional. Um cronista do *Correio Paulistano*, Goulart de Andrade, definia os sentimentos provocados pela “grande prova aeronáutica” nos seguintes termos: “ella foi imensa, foi das que provocam aquella constricção na garganta resolvida em lagrimas e risos a um tempo, foi das que aceleram o sangue e fazem que os braços se nos abram para estreitar em amplexos de affectos a amigos e desconhecidos”¹⁸. O piloto era celebrado como “verdadeiro representante da capacidade de esforço e da iniciativa emprehendedora dos paulistas, netos dos velhos bandeirantes”¹⁹, num conjunto de imagens que aproximava os desbravamentos do território à conquista dos ares.

¹⁷ Idem. A cauda do iguanodonte. In: *O Jornal*, Rio de Janeiro, domingo, 23 de janeiro de 1927, N. 2.493, pp.3 e 7.

¹⁸ ANDRADE, Goulart. Rio-Buenos Aires. In: *Correio Paulistano*, São Paulo, domingo, 2 de janeiro de 1921, N. 20.656, p.1.

¹⁹ “Raid” Rio-Buenos Aires. In: *Correio Paulistano*, São Paulo, quarta-feira, 29 de dezembro de 1920, N. 20.652, p.3.

O alvoroço das emoções, o mito bandeirante, a criação de heróis, a conquista dos ares, a consagração paulista, a continuidade entre passado e futuro, indícios de uma história marcada por grandezas, proporcionados pela “única invenção brasileira” eram por demais simbólicos naquele momento. O futuro estava sendo confirmado pela ação dos paulistas, herdeiros dos conquistadores do território nacional, destinados a carregar o restante da pátria pelos mesmos caminhos trilhados, o progresso moral, tecnológico e econômico. Embora não comentando o “raid”, as referências aos “leviatãs mecânicos”, “hipogrifos”, frisando “que os monstros de Ariosto começam a voltar, embora mecânicos e despidos da velha poesia”²⁰ apontam o fascínio, o encantamento e a carga imaginativa despertadas pelas novas tecnologias em Monteiro Lobato. O ocorrido em São José do Buquira mostra a perplexidade daqueles à margem do progresso e pouco afeitos aos maquinismos importados, posto que nenhuma experiência assemelhava-se ao voo metálico de Eduardo Chaves – lembrando vagamente um “gavião-pato” ou aves de maiores dimensões. A velocidade dos aviões transformaria as relações entre espaço e tempo, aproximando distâncias e ampliando horizonte de expectativas.

AS CIDADES MORTAS OU JECA TATU, CABOCLO IMPETRÁVEL AO PROGRESSO

Em 12 de novembro de 1914, é publicado o artigo “Velha praga” na seção “Queixas e reclamações” do jornal *O Estado de São Paulo*, de José Bento Monteiro Lobato. Autor desconhecido, Lobato se colocava como “uma voz do sertão” que veio dizer às gentes da cidade, preocupadas com as destruições causadas pela Grande Guerra, que “fogo não menos destruidor devasta nossas matas, com furor não menos germânico”²¹.

Quem fala neste artigo é o proprietário da Fazenda São José do Buquira, localizada no vale do Paraíba paulista, então com suas terras esgotadas pela produção agrícola de outrora, preocupado com as queimadas realizadas na Serra da Mantiqueira e as consequências ambientais de tal prática, que contribuía para a total exaustão da região. Entretanto, as questões ecológicas não são o cerne de sua argumentação. Este

²⁰ LOBATO, Monteiro. *Na antevéspera*. São Paulo: Globo, 2008. p.59.

²¹ LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Globo, 2009. p.159.

artigo é uma vingança, como nota Sérgio Milliet²². Sua indignação é voltada para o trabalhador daquelas paragens, o caboclo:

“A nossa montanha é vítima de um parasita, um piolho da terra, peculiar ao solo brasileiro como o *Argas* o é aos galinheiros ou o *Sarcoptes mutans* à perna das aves domésticas. Poderíamos, analogicamente, classificá-lo entre as variedades do *Porrigo decalvans*, o parasita de couro cabeludo produtor da “pelada”, pois que onde ele assiste se vai despojando a terra de sua coma vegetal até cair em morna decrepitude, nua e descalvada. Em quatro anos a mais ubertosa região se despe dos jequitibás magníficos e das perobeiras milenárias – seu orgulho e grandeza, para, em achincalhe crescente, cair em capoeira, passar desta à humildade da vassourinha e, descendo sempre, encruar definitivamente na desdita do sapezeiro – sua tortura e vergonha.

Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável à civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças. À medida que o progresso vem chegando com a via férrea, o italiano, o arado, a valorização da propriedade, vai ele refugindo em silêncio, com o seu cachorro, o seu pilão, a pica-pau e o isqueiro, de modo a sempre conservar-se fronteiriço, mudo e sorna. Escorado numa rotina de pedra, recua para não adaptar-se”.²³

O progresso não chegava para todos. O caboclo, homem que “recua para não adaptar-se”, é apresentado como o atraso, como sinônimo de preguiça, ignorância, indolência, como parasita da serra, que destrói para sobreviver, não produzindo cultura alguma, antes impossibilitando qualquer tentativa de produção lucrativa e racionalmente conduzida. A existência de outros ritmos, experiências do tempo, são criticadas enquanto ociosidade, decisão voluntário de manter-se à margem do progresso, do processo civilizacional. Quem escreve é um fazendeiro pouco afeito à administração de sua propriedade, elegendo culpados pelos pequenos lucros com as colheitas de café, vendo de cima seus agregados.

Animado com a repercussão do libelo, no mês seguinte publica o artigo “Urupês”, aprofundando suas críticas aos caboclos do interior, simbolizado na caricatura

²² “Jeca Tatu é uma vingança. A vingança do fazendeiro fracassado contra o caboclo que lhe põe fogo na mata. É o julgamento de um representante da classe dos que possuem alguma coisa e por isso mesmo não podem compreender a psicologia diferente dos miseráveis. A sentença inapelável dos que não perceberão jamais que viver não é apenas criar riqueza. Dos que embora não dêem aos desgraçados os meios de se educarem e requintarem exigem dos pobres diabos uma atitude na vida semelhante à sua própria. Dos que pensam sempre ser uma grande honra para o escravo servir o senhor e encaram o descontentamento dos subordinados como se fossem gestos de ingratidão”. MILLIET, Sérgio. Jeca Tatu é uma vingança. In: *Revista Ciência e Trópico*, Recife, 9(2): 231-235, jul./dez., 1981.

²³ LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Globo, 2009. pp.160-161.

do Jeca Tatu, criatura “feia e sorna, [que] nada a põe de pé”. No entanto, esta nova acusação não é apenas uma reiteração do que fora anteriormente exposto. É uma censura à permanência da literatura romântica no país, que substitui o índio pelo caboclo, mantendo o mesmo “substrato psíquico”: “orgulho indomável, independência, fidalguia, coragem, virilidade heroica, todo o recheio em suma, sem faltar uma azeitona, dos Peris e Ubirajaras”²⁴. Monteiro Lobato estava convencido de que “entre os olhos dos brasileiros cultos e as coisas da terra há um maldito prisma que desnatura as realidades”²⁵.

Jeca Tatu vegetava de cócoras, “incapaz de evolução, impenetrável ao progresso”. Era o resultado das “benemerências sem conta da mandioca”, por ser “um pão cujo preparo se resume no plantar, colher e lançar sobre brasas”, mantendo seus pés no chão, vivendo de qualquer jeito, pois “nada paga a pena”. Se “o vigor das raças humanas está na razão direta da hostilidade ambiente”²⁶, Jeca nunca progrediria porquanto vive do que lhe era oferecido pela natureza, sendo um nômade sem cultura ou comodidade.

Impossível formar uma nação com estes indivíduos, representados pelo caboclo. Os sentimentos de pátria e civismo lhes eram desconhecidos, não tendo concepções do país em que vive, desconhecendo o presidente da República (“Pois de certo á de ser o imperador”, responderia) e resumindo na palavra “reclutamento” todo o seu entendimento sobre “guerra, defesa nacional [e] ação administrativa”²⁷. Em resumo, era uma quantidade negativa:

“O caboclo é soturno.

Não canta senão rezas lúgubres.

Não dança senão o cateretê aladainhado.

Não esculpe o cabo da faca, como o cabila.

Não compõe sua canção, como o felá do Egito.

No meio da natureza brasílica, tão rica de formas e cores, onde os ipês floridos derramam feitiços no ambiente e a inflorescência dos cedros, às primeiras chuvas de setembro, abre a dança dos tangarás; onde há abelhas de sol, esmeraldas vivas, cigarras, sabiás, luz, cor, perfume,

²⁴ LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Globo, 2009. pp.168-169.

²⁵ Carta de Monteiro Lobato à Godofredo Rangel, 22 de outubro de 1914. LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Globo, 2010. p.290.

²⁶ Idem. *Urupês*. São Paulo: Globo, 2009. pp.169 e 172.

²⁷ Ibid., p.174.

vida dionisíaca em escachoo permanente, o caboclo é o sombrio urupê de pau podre, a modorrar silencioso no recesso das grotas.

Só ele não fala, não canta, não ri, não ama.

Só ele, no meio de tanta vida, não vive...”²⁸

Improdutivo, soturno e ocioso, Jeca Tatu era uma sombra dos processos ocorridos nas grandes metrópoles. Ele não vive e é um estranho em seu país. É parte do “amontoado de ruínas [que] cresce até o céu” deixado para trás, esquecido pela tempestade chamada progresso, de que nos fala Walter Benjamin²⁹. Seria possível “deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos”? Impelido “irresistivelmente para o futuro”, Monteiro Lobato não propõe formas de integração do caboclo nas conquistas tecnológicas do capitalismo em expansão ou sua efetiva participação nos destinos da república, dita democrática. Antes de recomendar possíveis fórmulas para o descompasso temporal existente, foi necessário maior conhecimento da situação do interior brasileiro, desconhecidas no momento.

Seus escritos deste momento, em especial os contos, são produtos de sua experiência como fazendeiro, como já vimos, e promotor público. Em abril de 1907, Monteiro Lobato é nomeado promotor público da comarca de Areias, no interior do Estado de São Paulo, após uma “cavação de promotoria” auxiliada por seu avô, Visconde de Tremembé, respeitado fazendeiro do vale do Paraíba paulista³⁰. Durante quatro anos, Lobato ficaria confinado no novo cargo, observando a modorra daquela cidade, o dia-a-dia sempre igual, tão estranho da capital, onde cursara a Faculdade do Largo de São Francisco. Escrevendo para Godofredo Rangel, descreveria suas impressões da atual morada:

“Areias, Rangel! Isto dá um livro à Euclides (...). Areias, tipo de excidade, de majestade decaída. A população de hoje vive do que Areias foi. Fogem da anemia do presente por meio duma eterna imersão do passado. (...) Perto de Areias fica Bananal – com um passado escravocrata que é um cacho de crimes lindos e muita banana-ouro. Houve grossa riqueza por lá, quando aquilo era o Ribeirão Preto da

²⁸ LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Globo, 2009. p.177.

²⁹ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: Idem. *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. pp.13-14.

³⁰ “Rangel: O meu atraso epistolar tem origem na ‘cavação de promotoria’ em que me empenhei em fevereiro e só agora, 4 de março, consegui levar a efeito, com derrota de um exército de candidatos. (...) Cento e tantos candidatos para esse ossinho – informou-me o próprio secretário Washington Luís (...). Foi triunfo decisivo uma carta do meu avô ao general Glicério”. Carta de Monteiro Lobato à Godofredo Rangel, 14 de abril de 1907. LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Globo, 2010. p.143.

época. Barões que usavam penico de ouro. Mulheres ciumentas que cortavam o seio das escravas. Cada casa á – dizem aqui – é cofre duma lenda – aqueles casarões abandonados. Ainda há mistérios no ar”.³¹

É neste ambiente que gesta grande parte dos seus contos, sobretudo os presentes em *Cidades mortas* (1919). Outra faceta do problema narrado em 1914 é abordada: não mais aqueles sujeitos vivendo nas zonas fronteiriças da civilização, mas os destroços deixados pelo progresso, as cidades que vivem das sombras de outrora, sem qualquer horizonte de expectativas, condenadas aos entulhos causados pelo porvir. Areias e Bananal eram exemplos das zonas onde o café prosperou rapidamente, gerando enorme lucratividade, mas que assistiram sua ruína na medida em que o solo se esgotava, tornando-o incapaz de sustentar os mesmos padrões produtivos.

Nos contos, uma das cidades, criadas por Lobato a partir de sua experiência, carrega no nome sua fatalidade - Oblivion, do inglês “esquecimento”. O quadro sintético de tal situação aparece logo nas primeiras páginas da obra:

“A quem em nossa terra percorre tais e tais zonas, vivas outrora, hoje mortas, ou em via disso, tolhidas de insanável caquexia, uma verdade, que é um desconsolo, ressurte de tantas ruínas: nosso progresso é nômade e sujeito a paralisias súbitas. Radica-se mal. Conjugado a um grupo de fatores sempre os mesmos, refluí com eles duma região para outra. Não emite peão. Progresso de cigano, vive acampado. Emigra, deixando atrás de si um rastilho de taperas.

A uberdade nativa do solo é o fator que condiciona. Mal a uberdade se esvai, pela reiterada sucção de uma seiva não recomposta, como no velho mundo, pelo adubo, o desenvolvimento da zona esmorece, foge dela o capital – e com ele os homens fortes, aptos para o trabalho. E lentamente cai a tapera nas almas e nas coisas.

Em São Paulo temos perfeito exemplo disso na depressão profunda que entorpece boa parte do chamado Norte.

Ali tudo foi, nada é. Não se conjugam verbos no presente. Tudo é pretérito.

Umás tantas cidades moribundas arrastam um viver decrépito, gasto em chorar na mesquinhez de hoje as saudosas grandezas de dantes”.³²

Progresso nômade, deixa para trás “um pugilo de caboclos opilados, de esclerótica biliosa, inermes, incapazes de fecundar a terra, incapazes de abandonar a querência, verdadeiros vegetais de carne que não florescem nem frutificam”, espécie de

³¹ Carta de Monteiro Lobato à Godofredo Rangel, 14 de maio de 1907. Ibid., p.147.

³² Idem. *Cidades mortas*. São Paulo: Globo: 2009. p.21.

“fauna cadavérica de última fase a roer os derradeiros capões de café escondidos nos grotões”³³. Desviados da civilização, nada ligava tais cidades com o resto mundo, relegadas ao esquecimento – uma morte em vida.

Conceitos temporais guiavam sua argumentação. A nação era composta por vários tempos, agindo segundo ritmos diversos, evidenciando descompassos socioeconômicos através da percepção de múltiplos tempos históricos. De um lado, o progresso inelutável das novas tecnologias; de outro, aqueles à margem da civilização, vivendo do passado, “atrasados”, excluídos por aqueles que os exploram e observando como espectadores os desdobramentos dos modernos maquinismos. Uns entreviam o futuro; outros eram enterrados no passado. Como cadenciar os tempos da nação? Era a pergunta que guiaria a atuação de Monteiro Lobato durante toda sua carreira literária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: Idem. *O anjo da história*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

DE PAULA, E. Simões. *A segunda fundação de São Paulo* (Da pequena cidade à grande metrópole). Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/36096>. Acessado em 24-11-2014, 11:23.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2006.

LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Globo, 2010.

LOBATO, Monteiro. *Cidades mortas*. São Paulo: Globo: 2009.

LOBATO, Monteiro. *Na antevéspera*. São Paulo: Globo, 2008.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Globo, 2009.

³³ Ibid., pp.23-14.

MILLIET, Sérgio. Jeca Tatu é uma vingança. In: *Revista Ciência e Trópico*, Recife, 9(2): 231-235, jul./dez., 1981.

PERISSINOTTO, Renato M. Classes dominantes, Estado e os conflitos políticos na Primeira República em São Paulo: sugestões para pensar a década de 1920. In: DE

LORENZO, Helena Carvalho; COSTA, Wilma Peres da (orgs.). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

